



50 SONETOS DE FORNO  
ELOGIO

RAINHAS DO CRIME

Amazônia

## Ana em Veneza, Paraty e Paris

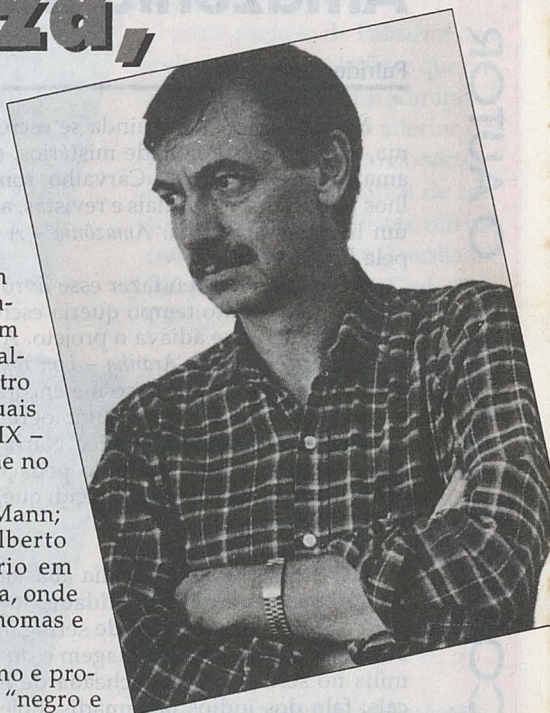
Márcia Nahu

*Ana em Veneza*, romance "histórico" de João Silvério Trevisan, além das qualidades de sua carpintaria literária, parece propor uma indagação sobre a tão discutida modernidade. Tal discussão adentra com fôlego nas 579 páginas do texto ficcional, se configurando, principalmente no capítulo I, na conclusão do livro, no diálogo entre o maestro Alberto Nepomuceno e um jornalista, que são "trazidos" aos dias atuais - a narrativa se passava até então nas últimas décadas do século XIX - graças talvez à única vocação do discurso ficcional: aquela que acolhe no seu interior toda a espécie de imaginário.

Os principais personagens são a sinhazinha Julia da Silva Bruhns Mann; a negra Ana, mucama de Júlia, e o músico erudito cearense Alberto Nepomuceno, personagens reais que têm um encontro imaginário em Veneza. Julia é levada ainda menina da sua Paraty natal para a Europa, onde se casa com o senador Mann e vem a se tornar mãe dos escritores Thomas e Heinrich Mann.

A idéia de "pátria enquanto exílio", a discussão sobre nacionalismo e província, o etnocentrismo europeu em contraste com o mundo novo, "negro e exótico" do qual Ana, juntamente com os lundus de Nepomuceno, são os grandes representantes, perpassam todo o livro. E podem até ser o mais visível dessa longa e pesquisada narrativa, vez ou outra avivando-nos uma certa nostalgia dos *Buddenbrooks* ou mesmo da *Montanha mágica*, de Thomas Mann. Mas, sem dúvida, o melhor, aquilo que "escapa" (talvez às intenções do autor), produzindo inúmeros sentidos e possibilidades de reflexão, são os quase solilóquios de Ana, a ex-escrava, em Veneza.

As histórias de Ana e seu amado pintor bêbado, suas inúmeras vicissitudes pelo circo Krenz, equilibrista da sobrevivência, são uma pequena obra-prima, uma máscara entre tantas outras a escolher, como diria o conde Basucello (outro grande momento do romance), nesse mundo onde a melhor opção é o simulacro, onde a criação de se poder ser até Deus "porque Deus é uma máscara", tornava a violência da miséria humana mais humana, menos banalizada - no mínimo, comvente.



João Silvério Trevisan: personagens reais e situação ficcional para discutir o exílio

VIAGEM NO TEXTO

## NOTAS

### Nobel machista

Desde que o Prêmio Nobel foi criado, em 1901, mais de 300 homens já foram laureados na área de ciências. No mesmo período, apenas nove mulheres foram premiadas. A jornalista Sharon Bertsch McGrayne mostra as razões no seu livro *Mulheres que ganharam o prêmio Nobel em Ciências*. Entre estas cientistas pioneiras, algumas ficaram anos trabalhando apenas por amor, sem salário; e outras foram proibidas de se casarem, sob a ameaça de serem demitidas. Madame Marie Curie, por exemplo, foi premiada duas vezes com o Nobel por suas contribuições ao estudo da Física. No entanto, sofreu horrores com a perseguição da imprensa por ter se apaixonado, já viúva, por um cientista cinco anos mais moço.



### Bienal amplia

A Bienal do Livro de São Paulo de 94 recebeu 1.200.000 pessoas, vendeu 13 milhões de livros e faturou US\$ 66 milhões. O sucesso foi tanto que o espaço do Ibirapuera ficou pequeno. Este ano, o evento muda de local e se instala no Expo Center Norte, que tem 14.000 m<sup>2</sup>, fica perto da Marginal Norte, do Metrô e da Estação Rodoviária da capital paulista. Também está prevista a criação de uma linha de ônibus circular, interligando estes pontos. A Câmara Brasileira do Livro, que organiza a bienal, calcula que 15 meses antes dela, cerca de 80% do seu espaço já tinha sido vendido.



COM A PALAVRA, O AUTOR

## Amazônia íntima

Patrícia Costa

Muito se escreveu e ainda se escreve sobre a Amazônia, uma região repleta de mistérios, estórias e lendas. A amazonense Haydée de Carvalho, romancista com trabalhos publicados em jornais e revistas, acaba de lançar mais um livro sobre o tema: *Amazônia – A saga de uma família*, pela Litteris Editora.

• Por que resolveu fazer esse livro?

HC – Há muito tempo queria escrevê-lo, mas sempre acontecia algo que adiava o projeto. Até que, em 1993, escrevi e lancei *Teia de Aranha – Um romance à moda antiga*, que teve boa aceitação. Isso me encorajou.

• *Amazônia* é um livro autobiográfico?

HC – É quase autobiográfico. Narra a trajetória de meus antepassados. Cresci ouvindo pedaços dessa história e, quando me tornei escritora, decidi que, algum dia, a transformaria num livro.

• E qual é a história?

HC – É sobre uma família abastada de Manaus que, por problemas de inflexibilidade do patriarca, se muda para o Acre, para um grande seringal, na época áurea da borracha. É a história da viagem e da instalação dessa família no seringal. Vem recheada de lendas e estórias locais; falo dos índios Jamamadis, hoje uma tribo extinta, mas que na época vivia na região. É romancçada, mas é uma história real.

• Qual a linguagem usada no livro?

FOTO: A.C. JUNIOR



Haydée de Carvalho: histórias familiares

HC – Sou uma pessoa simples. Relato os fatos com simplicidade pois acho que é a maneira mais fácil de se atingir o coração e a sensibilidade do leitor.

• De onde vem o fascínio pela Amazônia?

HC – A região é um paraíso verde, uma selva misteriosa que atrai o imaginário das pessoas. Só que atualmente está sendo desprezada e muito maltratada. No final do livro faço um libelo condenando a exploração desenfreada dos recursos naturais, o extermínio dos índios, o descaso das autoridades. Tudo isso é muito triste e tem de parar. Espero que meu livro contribua para essa conscientização.

## NOTAS

### Notícia ruim

Pelo menos dois milhões de exemplares de livros foram comercializados em forma de tiras de papel cortado, vendidas diretamente a indústrias de reciclagem. A distribuidora F. Souto ganhou uma licitação promovida pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), do Ministério da Educação, para distribuir livros didáticos nas escolas públicas do país. Só que, segundo descobriram técnicos da FAE, em vez de fazê-lo, passou a vender os volumes como papel reciclado. Em 1991, quando estourou o escândalo, pelo menos 3 milhões de alunos ficaram sem receber os livros.

### Notícia boa

Na Argentina, desde a década de 60, as bancas de revista, os clubes de leitores e os supermercados têm se constituído em pontos importantes de venda de livros. Estas novas possibilidades de comercialização e distribuição modificaram a estrutura do

mercado local e obrigaram editores e livreiros a repensar suas estratégias. O grupo editorial Planeta, por exemplo, revelou que, graças a estes novos espaços, as vendas de seus livros triplicaram nos últimos três anos.

### Um novo 'darling'

Histórias malditas, violência gratuita, diálogos brilhantes, humor e fascínio pela transgressão. Esses são alguns dos ingredientes da obra do roteirista, ator e diretor Quentin Tarantino, o novo "queridinho" de Hollywood.

Seu filme *Pulp fiction – Tempo de Violência* ganhou a Palma de Ouro em Cannes em 1994 e o roteiro acaba de ser publicado em livro no Brasil. Amante do mistério, das citações cinematográficas e mestre em cenas de impacto, Quentin Tarantino almeja a que o público tente desvendar os seus filmes. Ele diz: "O que mais gosto no cinema é que, enquanto eu faço meu filme, o espectador, na sua poltrona, está prestes a fazer o seu."



Quentin Tarantino: violência e humor.